

CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA A PARTIR DA SÓCIO HISTÓRICA

Lucas Vescovi Martins¹

RESUMO

Este trabalho apresenta um levantamento bibliográfico relacionado às produções científicas em Psicologia, que destaca as concepções de adolescência durante as últimas cinco décadas, problematizando como esse termo foi construído e tratado, quais eram e ainda são as perspectivas que abordam o tema e como o adolescente é visto cultural e socialmente. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa mediante o levantamento bibliográfico de artigos, teses, livros e revistas eletrônicas, como ferramenta metodológica para a leitura dos artigos selecionados foi utilizada a análise de conteúdo buscando uma melhor compreensão e leitura dos materiais encontrados. Para a coleta de dados utilizamos as seguintes proposições “concepções de adolescência”; “adolescência e psicologia”; “ a adolescência”, os resultados compreenderam obras brasileiras e algumas que tratam o tema no contexto europeu. Para construir o posicionamento diante dos dados que serão apresentados utilizamos a psicologia sócio histórica, realizando uma releitura crítica acerca dos resultados obtidos. Encontramos ambiguidades nos resultados da pesquisa, esses foram elencados em tópicos para melhor apresentação. A adolescência foi significada a partir do viés biológico, da crise de ruptura nos processos relacionais conscientes e inconscientes, da quebra de vínculos familiares, da problematização da adolescência frente ao capitalismo e da adolescência enquanto um período de idade entre os 12 a 18 anos. A problematização aos posicionamentos supracitados foi respaldada pela teoria de Vygotsky, quando o mesmo afirma que a adolescência é um período biopsicossocial, material e histórico.

Palavras-chave: Adolescência; Psicologia Sócio histórica; Vygotsky; Análise de Conteúdo.

RESUMEN

Este trabajo presenta un levantamiento bibliográfico relacionado a las producciones científicas en Psicología, que destaca las concepciones de adolescencia durante las últimas cinco décadas, problematizando cómo ese término fue construido y tratado, cuáles eran y aún son las perspectivas que abordan el tema y cómo el adolescente es visto cultural y socialmente. La metodología utilizada fue la investigación cualitativa mediante el levantamiento bibliográfico de artículos, tesis, libros y revistas electrónicas, como herramienta metodológica para la lectura de los artículos seleccionados fue utilizada el análisis de contenido buscando una mejor comprensión y lectura de los materiales encontrados. Para la recolección de datos utilizamos las siguientes proposiciones "concepciones de adolescencia"; "Adolescencia y psicología"; "La adolescencia", los resultados comprendieron obras brasileñas y algunas que tratan el tema en el contexto

¹ Acadêmico do curso de Psicologia do Centro universitário de Várzea grande - MT

Europeo. Para construir el posicionamiento ante los datos que serán presentados utilizamos la psicología socio histórica, realizando una relectura crítica acerca de los resultados obtenidos. Encontramos ambigüedades en los resultados de la investigación, esos fueron enumerados en tópicos para mejor presentación. La adolescencia fue significada a partir del sesgo biológico, de la crisis de ruptura en los procesos relacionales conscientes e inconscientes, de la ruptura de vínculos familiares, de la problematización de la adolescencia frente al capitalismo y la adolescencia como un período de edad entre los 12 a 18 años. La problematización a los posicionamientos citados fue respaldada por la teoría de Vygotsky, cuando el mismo afirma que la adolescencia es un período biopsicosocial, material e histórico.

Palabras clave: Adolescencia; Psicología socio histórica; Vygotsky; Análisis de contenido.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um termo muito utilizado no senso comum, uma referência de idade que entre outras finalidades é utilizada para referir-se a características corporais, mercado de consumo de produtos específicos – no caso da mídia, redes sociais - entre outros. No meio científico esse termo carrega um histórico que contém décadas de estudos, construções de modelos que visam ‘entender’ esse período da vida. Neste sentido, o presente trabalho procura problematizar os passos da Psicologia na construção do conceito de adolescência, e além disso, compreender quais discursos criaram a visão atual da adolescência e, destacar quais foram fundamentais para o entendimento desse período.

Utilizaremos a psicologia sócio histórica entendendo-a como vertente da psicologia que se posiciona de maneira crítica diante das variáveis que serão apresentadas, buscando sempre problematizar as questões levantadas e discutidas durante o desenvolvimento do tema, o que corrobora com o que Bock *et al* (2007, p.132) afirmam, “O papel do pesquisador não é apenas descrever a realidade, mas sim explicá-la. Deve assumir o compromisso de ser produtor de conhecimento”. É com vista a realizar uma releitura histórica sobre a temática em xeque que buscaremos trazer as questões que possam somar a produção científica no que diz respeito ao tema.

Como fundamentação teórica utilizaremos a teoria de Vygotsky, uma vez que o autor entende a adolescência como uma fase do desenvolvimento psicossocial, material

histórico e cultural, desconsiderando a ideia de ser natural – apenas genético - ou delimitado. O autor entende que a criança, desde seu nascimento, passa por períodos de ressignificação (as crises) no seu entendimento enquanto pessoa no mundo, reestruturando o que já havia aprendido e dando novo significado.

Para fundamentar este estudo utilizaremos a pesquisa de abordagem qualitativa de perfil bibliográfico, por ser um método que se baseia em materiais já publicados referentes ao tema em questão, sejam eles livros, revistas, dissertações entre outros.

Segundo Gil (2010, p.29-30):

Praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica. Tanto é que, na maioria das teses e dissertações desenvolvidas atualmente, um capítulo ou seção é dedicado à revisão bibliográfica, que é elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema.

Seguindo tal conceito iremos desenvolver o trabalho com base em autores que trataram do objeto em questão nas últimas cinco décadas, buscando o maior número de informações possíveis em artigos de revistas científicas, teses e dissertações publicadas nos bancos de dados Scielo, Google acadêmico, entre outros para que o assunto seja amplamente discorrido.

Utilizaremos como ferramenta metodológica a análise de conteúdo apresentada por Laurence Bardin (2010), esse recurso permitirá uma leitura pautada na análise além da ‘compreensão espontânea’. Bardin (2010), destaca a função heurística da análise de conteúdo, afirmando que ela enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta.

A análise de conteúdo é uma ferramenta útil para as ciências humanas, pois, ao fazer o levantamento de seu material de pesquisa o analista irá “tornar-se desconfiado” buscando a leitura que o guiará além do evidente, o que poderá fazer com que ele encontre fatores de construções que dirão sobre um contexto específico cultural, uma determinada época cronológica, discursos que podem sustentar pontos de preconceitos que estão presentes no contexto das comunicações (BARDIN, 2010).

A aplicabilidade da análise de conteúdo tem o papel de levantar um determinado tema e estudá-lo para definir (ou mesmo descobrir) o que tal conteúdo tem a nos dizer, ou seja, a busca do analista estará empenhada em descobrir o que aquele conteúdo tem a ensinar além do óbvio.

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de

dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimento sobre o emissor da mensagem ou sobre seu meio, por exemplo (BARDIN 2010, p.41).

Caberá ao analista responder dois tipos de problemas após a análise de conteúdo: o que é que levou a determinado enunciado? Esse aspecto dirá respeito ao fator histórico do documento analisado, causas ou antecedentes da mensagem; quais as consequências que determinado enunciado vai provocar? Esse ponto responderá aos possíveis efeitos de sentido e dirão a quem se dirige o enunciado, texto, artigo, entre outros.

De acordo com Bardin (2010), há uma organização para se realizar a análise de conteúdo se subdividindo em três fases, a pré-análise que consiste na seleção dos materiais a serem submetidos à análise, formulação de hipóteses e objetivos. Posteriormente, se executa a exploração do material, fase em que são realizadas as operações de codificação, decomposição ou enumeração dos materiais selecionados, feito isso o analista realizará a interpretação e tratamento dos resultados obtidos, essa terceira e última fase terá a função de estabelecer os quadros de resultados e permitir uma discussão acerca do conteúdo estudado. Entende-se que nesse último passo o analista poderá fazer inferências e discussão daquilo que sua pesquisa levantou, permitindo a problematização dos enunciados (BARDIN, 2010).

Para o processo de categorização foram considerados os temas mais destacados na produção bibliográfica estudada. A partir da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo elegemos seis tópicos que destacam diferentes concepções para a adolescência, sendo elas: **A adolescência como período biológico; A adolescência como “síndrome normal”, uma crise de ruptura relacional consciente e inconsciente; A adolescência como período de conflito devido à quebra de vínculos familiares e busca de relações extra parentais; Uma visão positiva da desvinculação parental; Contexto educacional versus contexto capitalista na adolescência, ser e ter, conflitos que a sociedade cria para o adolescente resolver e ECA, a delimitação de idade para a adolescência.**

O processo de categorização evidenciou ambiguidades nos conteúdos levantados a partir da pesquisa bibliográfica. Frente a articulação entre investigação qualitativa, análise de conteúdo e psicologia sócio histórica, cabe a nós apresentar a adolescência na história das últimas cinco décadas, como tais concepções foram se desenvolvendo até a atualidade e por fim apresentar uma perspectiva que entenda a

adolescência não como objeto de intervenção e controle, mas como autônoma, construída e construtora de sua identidade.

PSICOLOGIA SÓCIO HISTÓRICA

A psicologia sócio histórica surge como uma alternativa as “psicologias” que caminhavam até o início do século XX. Essas psicologias tiveram como partida a psicologia experimental inaugurada por Wundt, autor que fundamenta a sua tese pelo método experimental positivista como regiam as exigências da época.

Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), influenciado pelo posicionamento marxista apresenta uma nova perspectiva de psicologia e causa grande movimentação no campo científico que predominava naquele tempo, um de seus intérpretes Rivière (1984, p.120, citado por, IVIC, 2010, p.11) afirma “Ele está certamente, sobre muitos aspectos, a frente de nosso tempo”, essa fala diz respeito a quebra de paradigma acerca de uma psicologia que buscava um só entendimento, uma razão fixa e determinante. Essa proposta surge com a intenção de romper com a dicotomia corpo e mente, interno e externo, individual e social, proposta chave da psicologia sócio cultural que entende o homem fora do conceito reducionista que a psicologia experimental vinha propondo, ela visa uma psicologia crítica e fundamenta-se no materialismo histórico e dialética como filosofia, teoria e método. “A psicologia sócio histórica carrega consigo a possibilidade de crítica. Não apenas pela intencionalidade de quem a propôs, mas por seus fundamentos epistemológicos e teóricos” (BOCK, *et al*, 2007, p.17).

A proposta de Vygotsky é entender o fenômeno psicológico como algo que acontece juntamente com o caminhar da humanidade, para ele nada está posto como natural, nada é do homem como se ele já chegasse ao mundo com uma predisposição a fazer algo, ser padrão ou se comportar de determinada maneira. Vygotsky propôs que para entendermos a humanidade enquanto psicologia deveríamos nos ater a construção histórica e social, conteúdo já entendido por Marx como o materialismo histórico. Nesse contexto, Vygotsky inaugura um ponto de vista característico da psicologia sócio histórica, “não existe natureza humana e sim condição humana”, essa proposta vem com a intenção de trazer a luz as relações sociais e mudanças de comportamento como algo construído pelo ser humano sendo ele protagonista e autor de sua própria história, mudando e sendo mudado (BOCK, *et al*, 2008).

A nova perspectiva em psicologia apresentada por Vygotsky traz conceitos que irão fundamentar a sua proposta, além da dialética e o materialismo histórico o autor irá fazer um grande avanço em direção a linguagem e suas construções culturais durante a vida humana, de acordo com Ivic (2010, p.13) “[...]Vygotsky insiste nos aportes da cultura, na interação social e na dimensão histórica do desenvolvimento mental”. Nesse contexto, o autor se refere a influência social na construção ontogenética do homem, ou seja, ele une (através dessa perspectiva) social e genético tratando-os como evolução e criação simultânea e vê os fenômenos psicológicos através dessa “lente”. A cultura, sociedade e economia não são alheias aos homens, são os homens, “[...] os homens se desenvolvem a sua própria imagem e semelhança” (BOCK, *et al*, 2007, p.30).

Na contramão das propostas que visavam fixar o ideal da razão e do empírico como fundamento do ‘imutável’, a psicologia sócio histórica traz conceitos que são claros em relação a formação da personalidade humana, o materialismo histórico proposto por Marx e utilizado por Vygotsky se mostrou (e ainda se mostra) muito à frente de seu tempo. Talvez há uma resistência em aceitá-lo pelo fato de entender que seus preceitos deixariam cair por terra conceitos de uma ciência tradicionalista e dogmática.

A psicologia crítica proposta pela perspectiva sócio histórica visa atuar onde a psicologia durante a história operou rotulando, normatizando, quantificando e de certa forma auxiliando para a criação de estereótipos que além de cristalizar o conceito de adolescência, propõe formas de intervenção e operações que tragam o indivíduo para uma realidade já construída e pronta.

A CONCEPÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Focando no termo adolescência como a fase entre a infância e a vida adulta vários autores (ABERASTURY e KNOBEL, 1970; ANGELINI, *et al*, 1977; RAMOS, 1979; BUCHER e ULHOA, 1980; entre outros) problematizam o tema, e apresentam concepções teóricas sobre esse público.

Encontramos nas obras consultadas concepções de viés biológico, crise de ruptura nos processos relacionais conscientes e inconscientes, quebra de vínculos familiares como perspectiva positiva, outros autores que entendem a quebra de vínculos como negativa, a adolescência como ser e ter (problematização da adolescência frente ao capitalismo) e a adolescência enquanto um período de idade entre os 12 a 18 anos.

Apresentaremos nesse capítulo categorias que dizem respeito a cada concepção trazida pelos autores encontrados em nossas pesquisas.

A adolescência como período biológico

Nesta categoria é possível perceber que o termo adolescência surge no discurso científico em 1904 com a obra do psicólogo Granville Stanley Hall, denominada “*A adolescência*”. Hall descreve a adolescência com base em seus estudos na filogênese e ontogênese humana, partindo do princípio evolucionista das espécies, o autor classifica a adolescência como um período de transição entre a infância e a vida adulta vivida por todos os seres humanos. Para Hall, a adolescência se caracterizava como uma fase “tempestuosa” e necessitada de cuidados especiais, o autor afirmava que características como agressão, medo, violência eram padrões em todos os adolescentes, assim sendo, usando o princípio da hereditariedade, Hall inicia a caminhada rumo à classificação da adolescência nos manuais médicos e científicos (GROSSMAN, 2010).

O mesmo autor destaca que a psicologia tem (junto com outras ciências sociais e biológicas) um papel importante nas construções científicas acerca do tema “adolescência”. Os estudos de psicologia, medicina e biologia, historicamente vêm reforçando conceitos acerca da evolução física, hormonal e mental dos adolescentes. Esses dados têm servido de fundamento para alguns teóricos, seguindo a linha de Stanley Hall, reafirmarem comportamentos como rebeldia, ‘delinquência’ entre outros como algo característico da adolescência, e, a partir dessas construções, conceitos educacionais, sociais e morais são tomados frente ao que, segundo os estudos reducionistas, virá a ser o adolescente (COIMBRA , *et al*, 2005).

Carlos, *et al*, (2009) afirmam que essa fase é marcada por um período de vulnerabilidade física, psicológica e social, e enfatiza a questão do cuidado por parte das pessoas que vivem ao redor do adolescente, família, escola, e instituições de saúde.

Por esse ser um período vulnerável, a experiência do adolescer vai exigir da família, dos profissionais da saúde e da educação uma atenção especial para esse adolescente, ajudando-o a lidar com situações e problemas que possam provocar danos e agravos a saúde (CARLOS, *et al*, 2009, p.132).

No contexto biológico, a adolescência se apresenta como um período que todos os humanos irão experimentar da mesma maneira, seus limites estão delimitados como uma fase de vulnerabilidade tanto física como psicológica, e todos que trabalham com

esse público devem estar preparados para lidar com essas situações que são características do adolescente.

A adolescência como “síndrome normal”, uma crise de ruptura relacional consciente e inconsciente.

Na presente categoria a adolescência é apresentada por conceitos psicanalíticos. Aberastury e Knobel (1970) afirmam que a adolescência é uma fase estabelecida entre a infância e a vida adulta, além disso, acrescentam que é um período de desequilíbrio e instabilidades absolutamente necessárias para o adolescente construir sua identidade, período em que a criança terá de resignificar seu desenvolver para a adolescência (perdas de significações relacionais estabelecidas desde bebê).

Os autores entendem que o mundo exterior ao adolescente exerce influências em sua constituição, no entanto, o “processo biopsicossocial” não pode ter seu macro interpretativo representado apenas pela exterioridade do indivíduo (processos culturais e sociais) desconsiderando o desenvolvimento biológico. Segundo os autores, deve-se considerar a psicologia evolutiva e a percepção consciente e inconsciente que a criança tem dos pais como parâmetro para a descrição dessa fase da vida. A passagem da infância para a adolescência vem carregada de “mensagens” de um corpo que está em fase de mudança, a menstruação para a moça e o sêmen para o rapaz trazem informações de um luto a se elaborar (referente ao final da vida infantil) e de uma responsabilização pela posição de definição sexual, o que, segundo os autores, representa para o adolescente uma cena de conflito por tirá-lo de um olhar que dava margem a “fantasia do duplo sexo”, e o insere no real de encontrar no outro o que lhe “falta” (ABERASTURY e KNOBEL, 1970).

A revisão bibliográfica permitiu compreender que o embasamento psicobiológico dará características universais à adolescência, “[...] elação, introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia [...]”, entre outros são características de adolescência em nossa cultura (ABERASTURY e KNOBEL, 1970, p.28).

A adolescência passa por uma etapa patológica considerada “normal” para o ingresso no mundo adulto, fundamentando a afirmação de *síndrome da adolescência normal*, “[...] posso falar de uma verdadeira patologia normal do adolescente, no sentido de que precisamente esse exterioriza seus conflitos de acordo com as suas estruturas e suas experiências” (ABERASTURY e KNOBEL, 1970, p.27).

Entendemos assim que alguns autores propõem um olhar do que “se esperar” do adolescente e posteriormente pensam formas de atuação com esse público que já tem seu estereótipo pré-definido.

A adolescência como período de conflito devido à quebra de vínculos familiares e busca de relações extra parentais.

Alguns autores tendem a apresentar a adolescência como uma fase da vida atravessada pelas relações estabelecidas. Desse modo, Ramos (1979) levanta a questão de a personalidade do adolescente ser moldada por relações afetivo-cognitivo. A autora leva em consideração o papel das pessoas que constituem o círculo social do adolescente e como eles se relacionam com essas pessoas, o adolescente passa das relações familiares para as relações extrafamiliar para desenvolver-se e buscar apoios. Fora do contexto familiar ele começa a buscar sua identificação em outros grupos ou mesmo em personagens, assim sendo, as pessoas referências para os adolescentes são aquelas a quem eles recorrem quando estão em uma situação que imaginam ser difícil.

Ramos (1979, p.544) afirma que

É reforçada a conclusão da existência na adolescência de um processo genético ligado a aquisição da autonomia, caracterizado no nosso estudo pela substituição das ligações parentais por relação de natureza mais igualitária com os sujeitos da mesma idade ou por um fechar-se sobre si mesmo, sem recorrer aos outros.

Seguindo essa linha, Fleming (1988) assinala a transição da adolescência para a idade adulta como uma ideia encorajada pela sociedade, no entanto, afirma que a saída do seio familiar para a autonomia gera conflitos de entendimento de um “lugar a que pertence” que envolve toda a dinâmica familiar.

Fleming (1988) acrescenta que o desligamento do vínculo familiar é algo socialmente cultivado, mas tem seus conflitos. A sociedade espera que seus jovens e adultos atinjam certa autonomia durante o desenvolvimento e a socialização fundamentados pela ideologia do século XX de independência e autonomia do sujeito dando a impressão de bem-estar social que cada sociedade ou mesmo cada classe social moldam. A autora apresenta um paradoxo do que molda uma adolescência socialmente construída no contexto norte americano no século XX, primeiro um sistema escolar que fomenta a institucionalização da dependência no adolescente e, segundo, uma economia de mercado de larga escala que exige um funcionamento autônomo e competitivo.

Assim sendo, esses autores apresentam a adolescência como uma fase de “passagem”, na qual, o adolescente sai do seio familiar e vai ao mundo externo ou fecham-se em si mesmos, somando isso a um processo genético ligado a aquisição da autonomia, afirmando como natural ao ser humano passar por essa “transição”.

Uma visão positiva da desvinculação parental

Nesse tópico é possível compreender como assinalam Soares e Campos (1988), que a adolescência é um momento da vida em que os filhos se separam dos pais conseguindo a autonomia e se relacionando externamente com outros indivíduos, traz em sua obra um conceito positivo da desvinculação do laço familiar contrapondo algumas expectativas que afirmam ser um momento turbulento na vida do adolescente.

Os autores supracitados dizem que algumas obras - como Fleming (1988) e Ramos (1979) citados anteriormente - colocam classicamente a adolescência como um período de perda de contato com os vínculos parentais, não definitivamente, mas distante o bastante para causar um “sofrimento”, fazendo desse período um paradigma de conflitos familiares devido a busca de uma nova identidade que não tem seus aportes na infância e nas relações pais e filhos.

Soares e Campos (1988) acreditam que essa visão tem um caráter pessimista em relação a adolescência não levando em consideração o movimento de autonomia e funções específicas evolutivas e novas do indivíduo. O desvincular-se dos pais pode ser um momento de afastar-se fisicamente em relação a terra infância, no entanto, o diálogo, união e empatia entre pais e filhos podem ser ferramentas de aproximação e fortalecimento de vínculos, pois, pais que conversam e apoiam seus filhos nas escolhas de modo participativo tendem a se tornar a referência de apoio quando o jovem precisar.

De acordo com Hill e Holmbeck (1985, p.181, citado por, SOARES e CAMPOS 1988, p.62)

A autonomia torna-se útil como um conceito para explicar a pesquisa atual e dirigir a pesquisa futura quando ela deixa de ser definida negativamente em termos de libertação dos vínculos e influências parentais e começa a ser definida positivamente em termos de processos e diferenças individuais no auto- regulamento. Tais processos não começam nem terminam na adolescência e não impedem relacionamentos próximos ou uma predisposição generalizada para a "conexão", "expressividade" ou "comunhão".

Nessa perspectiva, Soares e Campos (1988) entendem que há uma quebra de vínculos nas relações parentais na adolescência, no entanto, pontuam que esse movimento não deve ser interpretado como algo ruim, ou mesmo como causador de crise e sofrimento

para o indivíduo, e sim como uma possibilidade de aumento da autonomia e condição para relações de igualdade e fraternidade.

Contexto educacional versus contexto capitalista na adolescência, ser e ter, conflitos que a sociedade cria para o adolescente resolver.

Referindo-se ao contexto capitalista da “criação da adolescência”, Ramos (1986) afirma que nossa educação é fundada nos princípios cristãos que dão ênfase ao *ser* e o mundo sociocultural é capitalista e focaliza o *ter*, causando assim grande confusão em uma juventude em construção. “O jovem se vê obrigado desde cedo a solucionar, sem a ajuda de ninguém, problemas que a sociedade lhe prepara” (RAMOS 1986, p.82).

Ramos (1986) cita os princípios de autonomia apresentada a educação conscientizadora, afirma que existem três elementos básicos que deve ser entendido pelo adolescente, saber, ser e fazer. **Saber**: pensar e adquirir ideias claras em relação ao que lhes interessa. O adolescente deve pensar por ideias claras e autênticas, que não seja um repetidor de ideologias alheias; **ser**: que mude a si mesmo com aquilo que sabe, viva e sinta de acordo com sua sensibilidade e afetividade; **Fazer**: responder aos meios que os condicionam e os constituem, ser ativo no processo de sua própria construção é fundamental, ser ativo e capaz de gerar mudanças.

ECA, a delimitação de idade para a adolescência.

Entendemos que a constituição de saberes é fundamental para discutir o olhar que temos sobre a adolescência, podemos através dessas concepções discutir formas de atuação, criação de leis e regras direcionando intervenções e proteção a esse público, como é o caso da lei 8.069 (ECA) estatuto da criança e do adolescente (BRASIL 1990).

A lei 8.069 que institui o estatuto da criança e do adolescente (ECA) dispõe dos direitos e informações para a atuação com o público dentre as várias áreas do saber (saúde, educação, segurança pública) com informações objetivas e específicas, porém a delimitação de idade é explícita nesse documento como é afirmado no artigo 2º “considera-se criança, para os efeitos desta lei, as pessoas até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”, o artigo 2º dispõe ainda de um parágrafo único “Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este estatuto as pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade” (BRASIL, 1990) entendemos essa colocação como importante para a proteção de um público específico,

porém, cabe ressaltar que há condições em que devemos repensar o enquadramento de idade.

A lei preconiza que durante o período supracitado considera-se que o indivíduo está em processo de desenvolvimento, no entanto, cabe ressaltar que o desenvolvimento considerado é caracterizado pelas bases biológicas, fator esse que não irá contemplar toda a população entendendo que, a cultura, educação entre outros atravessamentos que são experimentados pelos jovens e que contribuem para seu desenvolvimento, podem ocorrer de maneira prematura ou tardia (BRASIL, 1990).

UMA ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO HISTÓRICA

A psicologia sócio histórica não entende a adolescência como fase natural do desenvolvimento humano, mas sim como uma construção biopsicossocial, material e histórica. A revolução industrial e a sociedade moderna mudaram a forma de vida da humanidade, as pessoas passaram da vida fechada e destinada a subsistência para as novas relações estabelecidas frente ao mercado de capitais e com finalidades de comércio, ou seja, a relações do homem com o trabalho alterou a sua dinâmica de vida, consequentemente seu posicionamento enquanto sociedade.

Nesse contexto, as crianças que antes eram trabalhadores considerados “pequenos adultos” passam a ter que se especializar para ter o domínio de algumas funções. A migração das pessoas para as grandes metrópoles fez com que as cidades ficassem cheias e a mão de obra concorrida. Nesse contexto, está a criança que agora precisa estudar, qualificar-se, aperfeiçoar-se para atingir a condição de trabalhador.

As condições sociais nas quais se encontram os jovens são claríssimas como fonte mobilizadora e geradora da chamada “adolescência”. A moratória na qual se encontram os jovens não é um período necessário do seu desenvolvimento e, sim, um período no qual o mundo adulto considerou necessário colocar seus jovens para poderem os adultos estar mais tempo no mercado de trabalho e para poderem os jovens serem mais bem preparados para responderem às exigências do novo mundo do trabalho tecnológico (BOCK 2004, p.42).

Essa breve releitura histórica é importante para justificar o pressuposto da psicologia sócio histórica que vê o homem como construtor e construção de seu processo de existência, não obstante acreditamos que a adolescência é criada e tem sua manutenção nas relações humanas e nos atravessamentos históricos como foi exemplificado anteriormente.

A forma que o conceito de adolescente e adolescência vem sendo retratado na contemporaneidade, atravessa diversas áreas de nossas vidas sejam elas no senso comum ou mesmo nas ciências, a adolescência passa a “tentar ser delimitada” desde o século XVIII e ganha sua “naturalização” no século XX respaldada por critérios científicos, inclusive da psicologia (COIMBRA, *et al*, 2005).

Segundo Coimbra e outros (2005) não cabe a ciência tentar definir o que é a adolescência, inclusive, os autores propõem que se repense o termo, pois muitas construções utilizando os termos “adolescência” e “adolescente” fizeram com que se criasse um estereótipo acerca da nomenclatura fazendo uma definição pouco abrangente.

O que propomos e afirmamos são pensamentos e existências sem modelos a repetir, sem verdades a determinar o *modus vivendi*. Pensamentos em existências que exigem criação e invenção, que estão no plano dos acontecimentos e se evidenciam nos movimentos que possibilitam a inauguração de outras formas de vida (COIMBRA, *et al*, 2005, p.7).

Se entende assim uma nova postura frente aquelas que historicamente buscaram definir o que é a adolescência e o “ser adolescente”, vê-se um movimento que pretende observar e dar voz ao jovem, buscando um entendimento e não uma caracterização, visto que, a contemporaneidade mostra inovações que exigem um repensar e reconstruir a todo momento.

A adolescência trazida por Aberastury e Knobel (1970) é tratada com o escopo de mudança total na vida do indivíduo, no entanto, entendemos que o homem nunca é completo, passamos por mudanças durante toda a nossa vida independente da idade e a adolescência é mais um momento desses em nossa existência.

Quando focamos em dizer que é na adolescência que todos os grandes movimentos acontecem, trazemos implícito um discurso de ‘previsão’ e criamos uma quimera que deve ser entendida e estudada pensando em possíveis ‘precauções’ e intervenções se necessário, como Carlos, *et al*, (2009) afirmam.

Os autores que apresentamos nesse trabalho problematizam a adolescência como uma díade que pendem entre família e sociedade (RAMOS, 1979; FLEMING, 1988), ter e ser (RAMOS, 1986), biológico e social (ABERASTURY E KNOBEL, 1970; CARLOS, *et al*, 2009), vínculo e autonomia (SOARES E CAMPOS, 1988). Entendemos que entre essas discussões de formação e definição de adolescente e adolescência, está o jovem como um objeto a ser definido, como algo estático e pronto, seja na descrição da evolução biológica, desenvolvimento social através da quebra de vínculo ou um modismo a se seguir, desconsiderando suas potencialidades e autonomias.

A perspectiva de psicologia proposta neste trabalho não tem o objetivo de rechaçar todo o conhecimento científico produzido em outras abordagens psicológicas, pelo contrário, reconhece-os como produção válida e propõe uma problematização acerca dos estereótipos e rotulações que nesses discursos se fundamentaram para dar vida a sistemas e tratamentos que desconsiderem o homem em sua totalidade. “A abordagem sócio histórica, ao estudar a adolescência, não faz a pergunta “o que é a adolescência”, mas como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento” (BOCK, 2004, p.40).

Orzella e Aguiar (2008) reafirmam o princípio de adolescência entendida segundo o olhar do próprio indivíduo, os autores realizaram uma pesquisa com adolescentes e encontraram multideterminadas formas de “adolescências” em nossa sociedade, assim sendo, podemos entender que não pode haver adolescência “padrão”, existem diferenças na constituição da subjetividade de acordo com o “lidar” com a realidade social.

Bock (2004) realiza uma leitura crítica frente à naturalização da adolescência com base nos estudos de Leontiev, o referido autor é um dos protagonistas e continuador dos estudos de Vygotsky, seu trabalho da voz a psicologia sócio histórica posicionando-a contra as teorias que visam cristalizar a concepção de adolescência, citando-a como uma síndrome (ABERASTURY e KNOBEL, 1988), como uma fase tempestuosa que exige cuidados especiais daqueles que lidam com o público (CARLOS, *et al*, 2009).

A psicologia ou ‘psicologias’, estruturaram historicamente a adolescência através de mensurações, testes e estudos realizados sem as considerações com nível sócio econômico, acesso à cultura entre outros, utilizaram de uma amostra para definir o todo (SOARES E CAMPOS, 1988; RAMOS, 1979; FLEMING, 1988), fato que se desenrola em leis e formas de atuações com esse público (BRASIL, 1990). Identifica-se a preocupação e a extrema relevância em reavaliar a forma como a adolescência foi construída por nossa ciência ao observar o peso que nossas produções repercutem em diversas áreas do saber (saúde, segurança, educação) e como os profissionais dessas respectivas áreas tratarão o adolescente (OZELLA E AGUIAR, 2008).

Observamos autores que falam das relações familiares e extrafamiliares (RAMOS, 1979; FLEMING, 1988; SOARES E CAMPOS, 1988), outros que dão ênfase as questões biológicas e sociais (STANLEY HALL, 1904 citado por, GROSSMAN 2010; CARLOS, *et al*, 2009), autores que dão ênfase as questões relacionadas a sexualidade, conflito e luto entre infância e adolescência (ABERASTURY e KNOBEL, 1970) entre

outras vertentes da psicologia, porém, quando falam sobre adolescência colocam o adolescente em segundo plano, buscando entender - ou explicar - a estrutura na qual ele se insere. Quando reconhecem o social, colocam o adolescente como expectador de sua própria história (FLEMING, 1988), quando se trata de biologia o justificam pelas mudanças hormonais e fisiológicas (CARLOS, *et al*, 2009) e quando colocado na discussão familiar ele é apenas um sujeito frente as relações (ABERASTURY E KNOBEL, 1970).

A psicologia teve papel fundamental na observação e descrição do desenvolvimento humano, na escrita, fala, desenvolvimento por etapas de idade etc., no entanto, falhou ao categorizar isso como padrão esperado pela maioria estatística podendo representar uma amostra do todo como podemos observar no estatuto da criança e do adolescente (BRASIL, 1990).

Os estudos que partem de um pressuposto fixo acerca de qualquer área que diz respeito ao ser humano e suas culturas, hábitos entre outros, obras como a de Fleming (1988), Ramos (1979), Soares e Campos (1979) que tratam da consolidação da adolescência pela quebra de vínculos familiares tendem a se tornarem obsoletas, levando em consideração que a família nuclear formada por pai e mãe convivendo no mesmo espaço não é uma práxis generalizável em nossa sociedade, ao contrário, tem se tornado algo distante da realidade.

Devemos levar em conta que somos criador e criação de uma cultura que se movimenta intermitentemente e buscar fixar paradigmas em relação ao que é ser adolescente (por exemplo) é desconsiderar todo um contexto social e histórico (BOCK, *et al*, 2007).

Vygotsky (1931) traz em seu discurso o termo “idade cultural”, com essa proposição o autor apresenta o desenvolvimento como ele o entende, Vygotsky afirma que ao pensarmos em desenvolvimento humano devemos nos ater ao desenvolvimento social geral do contexto em que o sujeito está inserido, ou seja, infância, adolescência e vida adulta está em paralelo com as construções culturais vigentes no ambiente em que se apresentam, quando fala da criança – por exemplo – o autor afirma “ [...] calificaremos de edad cultural el nivel aproximado que alcanza el niño en su desarrollo cultural y haremos una correlación entre la edad cultural, con la edad cronológica, por un lado, y, por otro con la edad intelectual” (VYGOTSKY, 1931, p. 222). Nesse sentido, entendemos que o ECA não contempla a adolescência de maneira ampla, visto que, generaliza uma idade sem levar em consideração nossas diferenças étnicas, culturais e econômicas.

Para entender a adolescência segundo a perspectiva sócio histórica que tem por base o pensamento e formulações de Vygotsky, temos que repensar o conceito de “crise”. Para o autor crise não deve ser vista como algo negativo ou natural

As mudanças que ocorrem no processo são situações, vivências que a criança e o adolescente têm como criativas e criadoras. Situações de rupturas com tudo aquilo que era anterior. Esta crise potencializa o desenvolvimento, pois promove a reorganização de novos patamares daquilo que era posto anteriormente. Durante esse longo processo de desenvolvimento vão ocorrer mudanças nas relações entre as funções psicológicas superiores, ou seja, crises. Estas relações revelam a dinâmica do processo do desenvolvimento ao promover mudanças radicais nas articulações entre as funções psicológicas que estão em jogo no desenvolvimento da criança e do adolescente. Tais mudanças representam o giro histórico através de sentidos novos, ou seja, de processos de configurações objetivas e subjetivas – o devir (KOSHIMO 2011, p.59).

As idades são distintas por uma estrutura qualitativa de recursos e relações, o desenvolvimento se dá pela formação do novo, logo, “O desenvolvimento não interrompe jamais sua obra criadora, visto que nos momentos críticos se produzem processos construtivos” (VYGOTSKY, 1996a p.259, citado por KOSHINO 2011, p.57).

Vygotsky afirma que o desenvolvimento acontece de maneira dialética, prova disso está nas manifestações das chamadas “fases críticas” elaboradas pelo autor, elas se manifestam em um movimento do interior para o exterior do sujeito e vice-versa, ou seja, trata-se de uma via de mão dupla, na qual, desde o nascimento até os 17 anos o ser humano se depara com momentos de ressignificação de si frente aos atravessamentos gerados pela a inserção da fala, o sistema educacional, a família dentre outros predeterminantes que se coloca frente a criança, posteriormente ao adolescente (KOSHINO, 2011).

Se tratando de adolescência cabe a nós discorrer aqui sobre a crise dos treze e dos dezessete anos levando em consideração, desde já, que ao falar de idades cronológicas não devemos nos ater fixamente a tais idades, pois, trata-se de estimativas aproximadas de acordo com a realidade entendida pelo autor,

Lo dicho se explica porque cada forma de conducta cultural es, en cierto sentido, un producto del desarrollo histórico de la humanidad, la forma adecuada de la adaptación en una esfera del comportamiento. Por cuanto cada uno de nosotros se arraiga en estas formas determinadas, resulta natural la nivelación de facultades como índice del nivel general cultural alcanzados por nosotros (VYGOTSKY, 1931, p.221).

Entendemos a adolescência enquanto produto de um movimento social histórico e de desenvolvimento biológico das funções superiores, nesse sentido, a crise dos treze anos é vista como o desenvolvimento social em busca de si mesmo e do significado da realidade, é nessa idade que o adolescente passa a questionar as posições de autoridades

no sentido de entender o que lhe faz sentido e em qual lugar ele se sentirá à vontade – dentro das condições apresentadas a ele pela comunidade. As funções superiores nesse período da adolescência promovem no sujeito a possibilidade de problematização acerca de sua realidade, como o adolescente vê o mundo que o rodeia e como ele se posiciona frente a tal, é o período de fortalecimento do “intercâmbio” com os pares que aumenta o sentimento de pertencer a determinado posicionamento social dentre aqueles que tem contato (MARANGONI, *et al*, 2012).

A linha do desenvolvimento do pensamento e da formação de conceitos estão intimamente ligados as funções psicológicas superiores, diz de um amadurecimento do indivíduo, o aparecimento de novas operações intelectuais que são estimuladas pelo meio em que o adolescente começa a circular, a escola e os novos conceitos por ela transmitido, novos amigos que trazem diferentes conceitos de mundo, os grupos, entre outros são importantes para pensar movimento dialético desse momento na vida do adolescente e como ele se apropria e o “lê”, essa afirmação vai contra a perspectiva de Ramos (1979) que afirma haver um processo genético ligado à aquisição da autonomia.

A linha do desenvolvimento dos interesses trata os objetos e como eles influenciam nas escolhas e destinos que o indivíduo pretende seguir, são divididos em neutros e estimuladores e estes últimos têm grande influência em nossos comportamentos, nesse contexto, o adolescente em movimento de construção com o meio que o circula terá contato com ambos objetos, sofrerá influências e agirá frente elas, e não será apenas “sugado” para as relações e objetos de interesses como mero espectador de relações como afirmam alguns dos autores supracitados (KOSHINO, 2011).

O adolescente na crise dos dezessete anos passa a buscar um posicionamento maduro nas relações sociais e os condicionamentos externos que o atravessam, cabe ressaltar que é nesse momento que o adolescente tem o maior desenvolvimento das funções superiores.

Referindo-se a teoria de Vygotsky, Marangoni, *et al*, (2012, p.67) afirmam,

Os indícios do crescente desenvolvimento mental são observados nos novos interesses e demandas bem como no aprofundamento e ampliação dos velhos interesses implicando em maior iniciativa e motivação para as tarefas intelectuais e, nesse sentido, é que ocorre um avanço significativo do desenvolvimento intelectual, constituindo o pensamento adulto.

De acordo com Marangoni, *et al*, (2012) nesse momento o adolescente passa a pensar por conceitos, resultado do avanço nas funções superiores que agora consegue lidar com os assuntos objetivos de maneira abstrata, um novo “*modus operandi*”.

É nas relações dialéticas que o adolescente na crise dos 17 anos constrói seu posicionamento enquanto adulto inserido em uma determinada sociedade, e na relação com seus pares (família, escola, comunidade) que ele construirá sua personalidade com base naquilo que ele significou das informações que chegaram a ele, nesse sentido, devemos pensar que as funções superiores não se resumem apenas ao desenvolvimento biológico como afirma Carlos, *et al*, (2009), e como pensou Stanley Hall (GROSMAN, 2010), o desenvolvimento é biológico, material histórico, dialético e cultural.

Nessa perspectiva Vygotsky afirma que a concepção e organização mental do indivíduo se dá através das significações que ele irá realizar dentro de seu meio social, ele receberá toda a informação e fará a interpretação delas, utilizará da linguagem como ferramenta de expressão e obtenção de informação e estará inerte no mundo social e mental ao mesmo tempo. “[...]A história do desenvolvimento das funções mentais aparece, pois, como a história do processo de transformação dos instrumentos do comportamento social em instrumentos de organização psicológica individual”. (VYGOTSKY, 1982-1984, v. VI, p. 56, citado por IVIC, 2010, p.17).

Podemos assinalar frente ao exposto que, embora o teórico cite as idades 13 e 17 anos, não devemos afirmar como natural o desenvolvimento acontecer nessas idades específicas, pois, falamos de uma sociedade que se movimenta e se diversifica em cada cultura, nosso objetivo aqui é estabelecer um marco referencial do indivíduo frente aos vínculos que estabelece, logo, esse período pode diferir de acordo com as relações. Acreditamos que devemos estar cientes de qual lugar falamos e qual lugar o indivíduo ocupa segundo a perspectiva que lhe convir, pois, a maneira como ele observa e age (o devir) é subjetivo, nesse, sentido não há como prever um “comportamento adolescente padrão”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que foi de suma importância realizar um levantamento sobre a adolescência historicamente retratada pela ciência e em especial “pelas psicologias”, esse trabalho possibilitou o entendimento sobre vários estereótipos formados em relação a adolescência, permitiu vislumbrar algumas pontuações que servem de respaldo aos

tratamentos dispensados a esse público seja na área de saúde, educação ou mesmo no âmbito familiar.

Promover movimentos voltados à adolescência desconsiderando a individualidade de cada e generalizando como uma “fase crítica”, “período de confusão”, “instabilidade emocional”, entre outros, trará sempre uma perspectiva negativa acerca do adolescente, logo, uma família alienada a esse discurso já espera que quando seus filhos crescerem irão passar por essa fase, os serviços prestados a esse público irá aguardar determinado comportamento desses indivíduos, enfim, todos esperam algo do adolescente e historicamente sempre é algo que via de regra terá de sofrer uma intervenção para o “controle”.

Devemos considerar o jovem, a criança, o adulto como produto e produtor de cultura, dizer como deve ser a adolescência é tentar dar vida a um processo de subjetivação que afoga a individualidade e retira a autonomia e voz de um público que é cobrado a se portar como adulto, mas quando tenta se portar como tal é rechaçado com jargões como “você não tem a experiência necessária”, “você nem saiu da fralda”, “quando você crescer irá entender”.

A ambiguidade de entendimento do ‘ser adolescente’, nos mostrou como é importante colocar em xeque as nossas percepções e sempre questionar posicionamentos que surgem em discursos, em nossa contemporaneidade devemos considerar também o peso da mídia na percepção da sociedade em que na maioria das vezes está implícita uma vontade de razão que promove a desconsideração do sujeito produto e produtor de si. Entendemos a importância de todos os estudos que promoveram discursos em relação a adolescência, que os favorecem e dão direitos de cidadãos, no entanto, resta-nos aprender a ver esse público através de seus olhos, dar voz para que entendamos além do que queremos aprender, mas que sirva de espelho para entendermos como nós os tratamos e como eles se percebem diante da realidade que vivem.

Compreendemos que a psicologia sócio histórica contribui para o estudo da adolescência como um instrumento que valoriza a subjetividade do adolescente, entendemos que o ‘dever’ é resultado de um contexto em construção tanto para o sujeito quanto para a sociedade, assim sendo, acreditamos que esse trabalho teve o objetivo de ampliar o horizonte de estudos em relação a adolescência e servir de referência para aqueles que buscam um caminho avesso ao reducionismo e a padronização da vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**. Porto Alegre, Artes médicas, 1981.

ANGELINI, Arrigo Leonardo; WITTER, Geraldina Porto; ROSAMILHA, Nelson. O adolescente e o futuro. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, v. 29, n. 1, p. 167-181, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, v. 14, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; GONÇALVES, Maria da Graça Marchinha (orgs). **Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3º. ed. São Paulo. Cortez, 2007.

BUCHER, Richard; ULHOA, Maria José Carneiro. Aspectos psicopatológicos e psicodinâmicos na delinquência juvenil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 32, n. 4, p. 63-75, 1980.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CARLOS, Djailson; DAVIM, Rejane et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 10, n. 2, 2009.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

FLEMING, Maria Manuela. **Autonomia comportamental na adolescência e percepções das atitudes parentais**. Dissertação de doutorado. Instituto de ciências biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto. Porto, 1988.

GIL, Rosalind. **Análise de discurso**. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, p. 244-270, 2002.

GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. **Adolescência e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 47-51, 2010.

IVIC, Ivan. **Lev Semenovitch Vygotsky**. Recife, Massangana, 2010

KOSHINO, Ila Leão Ayres. **Vigotski**: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2011.

RAMOS, Virgínia. As pessoas significativas no universo do adolescente. **Análise Psicológica**, v. 2, p. 535-546, 1979.

RAMOS, Evilásio Almeida. **Ser e ter na adolescência**. Educação em debate Fort A.9 N° 12, Dissertação de mestrado, faculdade de educação UFC, 1986.

SOARES, Isabel; CAMPOS, Bártolo Paiva. Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. **Caderno de consulta Psicológica**, 4, 57-64. Centro de psicologia da universidade do Porto, 1988.

ORZELLA, Sergio. **Adolescência e Psicologia**: Concepções, práticas e reflexões críticas. Conselho Federal de Psicologia, Ministério da Saúde. Brasília, 2002.

ORZELLA, Sergio; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.

VYGOTSKI, Lev S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**.
Obras Escogidas –V .III
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/289941/mod_folder/.../.../Tomo%203.pdf?,
acesso em 18/05/2018.